

## JOÃO W. NERY E A REFORMULAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE SEXO/GÊNERO

Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa (USP)<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste texto analisaremos como as autobiografias *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984) e *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011), de João W. Nery, nos revelam as lutas por reconhecimento das expressões de sexo/gênero do autor a partir do uso e da reformulação das categorias médico psiquiátricas sobre experiências transexuais. Investigaremos como a noção patológica de transexualismo, forjada em meados do século XX, opera como chave de autorreconhecimento para Nery em seu primeiro livro, mas é criticada e reformulada em sua publicação seguinte. Além disso, apontaremos como certas expressões de Nery, por si só, não cabem nos moldes transexuais propostos pela literatura médica da época. Proporemos que a insuficiência desses discursos se deve à sua formulação como um estereótipo de sexo/gênero que está mais conectado às matrizes culturais hegemônicas do que às expressões autorais de Nery. Com isso, criticaremos a solidificação do discurso médico patológico como regulador de experiências nomeadas como transexuais, e indicaremos as expressões de Nery como aberturas para outras significações possíveis além da ordem de sexo/gênero hegemônica.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Transexualidade. Poder. Estudos de gênero. Literatura brasileira.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Bolsista CAPES. Orientado pelo Professor Dr. Mário César Lugarinho.

João W. Nery (1950 - 2018) é reconhecido como um dos patronos do ativismo trans brasileiro. Desde os anos 80, ele lutou por visibilidade e reconhecimento das identidades trans, principalmente, das transmasculinidades. Nas últimas décadas, Nery atuou como militante pelas causas trans e criou importantes redes de apoio, de acolhimento e de informações, por meio de redes sociais. Nery publicou três autobiografias ao longo de sua vida. A primeira foi *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984), em que narrou a formação de sua identidade de sexo/gênero desde a infância até as primeiras cirurgias de transgenitalização, que realizou ilegalmente durante a ditadura militar brasileira. Seu segundo livro, intitulado *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* (2011), foi uma releitura do primeiro livro com algumas modificações e acréscimos de novas experiências, como as da paternidade.

Uma das diferenças notáveis entre os dois primeiros livros de Nery é a mudança de perspectiva sobre o conceito de experiência transexual. Em *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984), Nery relata que se deu conta da existência da realização de cirurgias transgenitais ao se deparar com uma revista francesa em um mochilão pela Europa (cf. NERY, 1984, p. 121). Esse episódio permitiu que o autor acessasse uma categoria de inteligibilidade para suas vivências, a saber, a classificação “transexual”, inserida no DSM III - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, no ano de 1980.

Nas décadas de 70 e 80, os discursos médicos sobre o transexualismo [sic]<sup>2</sup> ganharam território na Europa e nos Estados Unidos como uma categoria de entendimento de certas experiências de sexo/gênero proposta pela literatura e pelas práticas médicas psiquiátricas. Tal movimento de classificação e de exigência da expressão sexual como parte do espaço público, sujeito a intervenções, é descrito como característica dos regimes de ordenação do saber, por Michel Foucault, em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1985). O intento de Foucault é indicar como as estruturas de poder produzem a sexualidade, e não apenas a cerceiam, ao estimularem os relatos e as confissões sexuais, a fim de serem traduzidas pelas comunidades médicas a serviço das ordens do poder.

Berenice Bento, no livro *O que é transexualidade?* (2017), se aproxima das perspectivas de Foucault, sobre a relação entre a confissão e a formalização médico patológica dos relatos de sexualidade, ao apontar certas ordens ou lógicas culturais hegemônicas como responsáveis pela caracterização da experiência transexual. Sobre essa possível gênese, lemos:

A transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo. A partir do século XX, precisamente a partir de 1950, se observou um saber médico específico para esta experiência identitária que se materializou em diagnósticos diferenciados (BENTO, 2017, p. 9).

Notemos, assim, como há a conexão necessária entre a categoria transexual e a doença, ou o transtorno. Essa circunscrição, a um só tempo, confere inteligibilidade a determinadas experiências e as inscreve como matéria dos saberes médicos. Dessa maneira, qualquer pessoa que se nomeie ou que seja nomeada como transexual estará sujeita, isto é, será tornada sujeito e será sujeitada/subalternizada, às ordens e protocolos médicos que detêm o poder de regulação dessas vivências.

---

<sup>2</sup> A noção de “transexualismo”, de significação patológica, ainda é encontrada nas últimas versões dos manuais DSM – 5 (2014) e CID – 10 (1993) de classificação de doenças. Os ativismos trans e travestis se opõem a tal termo, nas últimas décadas, e o reformulam como “transexualidade”, em um movimento similar ao realizado com os termos homossexualismo/homossexualidade.

A criação de uma categoria médica exige um método de verificação das confissões, a fim de medir suas verdades, ou seja, a correspondência entre aquilo que se escuta e o que os manuais descrevem como experiência transexual. Um dos critérios fundamentais na descrição da experiência do “transexual verdadeiro” (BENTO, 2017, p. 34), é a noção de “disforia de gênero”. Criada por John Money, psiquiatra estadunidense, em 1973 (cf. BENTO, 2017, p. 71), a “disforia de gênero” foi caracterizada como um sentimento de inadequação entre o sexo genital e o gênero ou papel social de uma pessoa, que necessitaria, portanto, de intervenções médicas cirúrgicas e hormonais para se “readequirar” à sua autoimagem.

Essa perspectiva pressupõe uma distinção entre o corpo e as expressões de si que configura certa noção popular da transexualidade como uma experiência de nascer no “corpo errado” (cf. NASCIMENTO, 2021, p. 96). A noção de “erro” também está presente no título do primeiro livro de Nery, que poderia ser pensado tanto como índice de enquadramento nos discursos médicos transexuais da época, como chave de inteligibilidade para suas experiências, quanto como noção jurídica de “erro de pessoa”, justificativa para certos divórcios na literatura jurídica. Em uma matéria intitulada “Contradança de sexos”, de Plínio Barreto, no jornal O Estado de São Paulo, encontramos uma reflexão sobre a possibilidade de alegação de “erro de pessoa” associada a mudanças de sexo/gênero de uma das partes do casamento. O jornalista menciona cirurgias e mudanças dos papéis sexuais como potenciais problemas para casamentos afetados por acontecimentos descritos da seguinte maneira: “constantemente chegam notícias, da Europa e da América, de que o cidadão X, respeitável chefe de família, pai de vários filhos, se transformou em mulher e que dona Y, graciosa dona de casa, muito devotada ao lar, se converteu em homem” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 28/03/54, p. 7).

Ainda que jornais brasileiros circulassem esporadicamente temas transexuais décadas antes da publicação de Nery, como no caso acima, a popularização dos termos se deu nos anos 80, principalmente, a partir da visibilidade da modelo Roberta Close, com quem Nery é comparado na ocasião do lançamento de seu primeiro livro (cf. JORNAL DO COMÉRCIO RJ, 02/06/1985 p. 4). Importante reforçar que a experiência transexual é relatada como um fenômeno médico nas matérias jornalísticas citadas, o que reforça a noção do discurso psiquiátrico como uma chave de inteligibilidade de certas experiências de sexo/gênero.

O contexto socioeconômico de Nery e sua formação profissional como psicólogo, possivelmente, também contribuíram em sua autonegação como “transexual”. O uso de tal “gramática normativa” (ARÁN, 2006) e de nomeações forjadas pelo sistema de sexo/gênero hegemônico, parece ser empregada por Nery como estratégia para visibilizar suas experiências e inscrevê-las socialmente, ainda que por meio de um discurso patológico. Certas formulações em *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984) se aproximam da literatura médica, como na abertura do relato, em que lemos a constatação do autor: “ter nascido homem, aprisionado num corpo de mulher” (NERY, 1984, p. 7), ou em frases como: “meu corpo mentia contra mim” (NERY, 1984, p. 26).

No capítulo VIII do livro, intitulado “Retribuindo a ajuda”, Nery narra sua participação em um congresso científico em torno do conceito de “disforia de gênero”, a convite de seu psiquiatra, para que fosse exibido como caso de “transexualismo feminino”. Notemos como o termo “feminino”, de designação da cultura hegemônica, prevalecia na denominação de casos como o de Nery, que atualmente seriam nomeados, segundo o ativismo trans, como “homens transexuais”. Nesse último caso, a lógica da nomeação é modificada, dando preferência às expressões de sexo/gênero daquele que se nomeia em vez das preferências hegemônicas.

No capítulo citado, Nery relata as discussões ocorridas no congresso, que apresentavam o fenômeno transexual como um desacordo entre a vivência psíquica/autorreconhecimento do indivíduo e seu corpo. Nesse capítulo, também encontramos a noção de “erro de natureza” (NERY, 1984, p. 162), que se aproxima de nossas discussões anteriores sobre certo desacordo entre mente e corpo proposto pela literatura médica.

Os discursos médicos sobre as experiências transexuais nos anos 80 parecem operar segundo estereótipos (MOSSE, 2000) de vivências de sexo/gênero. Com isso, queremos dizer que tais discursos funcionavam como ordenadores e reguladores de experiências as qualificando, unicamente, como doenças por desviarem de uma ordem hegemônica tida como “normal”. A experiência nomeada como transexual, dessa maneira, se solidificou segundo modelos de masculinidade e de feminilidade de uma cultura hegemônica ocidental pautada no dimorfismo sexual, a saber, na prescrição da existência de apenas dois modelos genitais. Assim, o discurso médico poderia ser pensado como um modelo inscrito social e historicamente no sistema de sexo/gênero a ponto de não sabermos qual a origem do fenômeno transexual: o discurso médico ou as confissões?

Propomos investigar o sistema de sexo/gênero hegemônico como um sistema de dominação, em que os dominados somatizam as relações sociais da dominação (cf. BOURDIEU, 2014, p. 41) a ponto de repetirem os sintomas e critérios previstos pela literatura sexual. Bourdieu aponta que o hábito, presente no corpo, nos pensamentos e nos sentimentos de uma pessoa, contribuem para a fixação das ordens arbitrárias da dominação, como lemos no trecho: “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às reações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até autodesprezo sistemáticos” (BOURDIEU, 2014, p. 56).

Certas expressões de Nery corroboram com essa perspectiva na medida em que a violência sobre si mesmo acometia o autor ao se relacionar com o espelho (cf. NERY, 1984, p. 52). O que pareceria ser uma revolta pela incongruência entre o eu e sua imagem virtual se revela como uma teia complexa de relações de poder e de dominação que se inscrevem na vida de uma pessoa consigo mesma. Encontramos sinais dessa complexidade em outras passagens de Nery, como no seguinte trecho:

Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho num corpo estranho, mas em mim. Quando havia um machucado, tratava dele, mas com a finalidade última de ficar bom. A própria gesticulação, os trejeitos das mãos, do rosto, etc transmitiam o que eu sentia e queria dizer. No entanto, era por intermédio desse corpo, do que ele tinha e fazia, que as pessoas me confundiam com uma mulher! (NERY, 1984, p. 43).

O estranhamento do próprio corpo pode ser lido como um efeito da falta de reconhecimento da masculinidade não-hegemônica de Nery nas relações sociais, e não um “transtorno mental”. Isto é, o desacordo que o discurso médico da época atribuía somente ao indivíduo, o cindindo entre mente e corpo incongruentes, pode ser lido como um processo social e histórico de produção de discordância, na medida em que as expressões de Nery não cabiam nas expectativas de certas ordens culturais. Poderíamos questionar: não seria a disforia de gênero um efeito de uma relação social abusiva e excludente em relação às diversidades de sexo/gênero, em vez de uma sensação gerada por um suposto “erro da natureza”?

Os sistemas de sexo/gênero não apenas regulam as categorias de homem e mulher, mas também conformam diferentes expressões nesse modelo binário e restrito, excluindo e apagando

qualquer possibilidade de diferença. Pierre Bourdieu investiga, em *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (2014), a persistência de sistemas de dominação de sexo/gênero em algumas sociedades. O autor defende que tal sistema é constituído historicamente como a-histórico, em um tipo de paradoxo que cria e estabelece o *habitus* social da dominação como um dado natural. Essa perspectiva, partilhada por teóricos *queer* como Judith Butler (2003) e Paul B. Preciado (2020), reforça como as ordens sócio-históricas atuam nas vivências de sexo/gênero produzindo corpos, linguagens, costumes e sentidos.

Em *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* (2011), Nery suprime o capítulo VIII de *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984), que citamos, possivelmente porque ele havia se afastado da gramática patológica transexual por conta do crescente ativismo trans e travesti brasileiro. Nery adiciona em seu segundo livro uma nota advertindo que, no novo contexto, alguns países como a França já haviam deixado de considerar as experiências transexuais como patologias, e países como a Argentina já haviam aprovado uma lei de identidade de gênero, que autorizava a mudança de nomes e gêneros nos documentos sem a necessidade de cirurgias ou tratamentos hormonais (cf. NERY, 2011, p. 11). Essa nota parece ter sido adicionada ao longo das reimpressões de seu livro e demonstra a preocupação do autor com as mudanças sociais na luta por reconhecimento (HONNETH, 2003) das vivências trans como existências naturais.

Com o crescimento dos ativismos pela despatologização das identidades trans, a literatura médica foi, e continua sendo, pressionada a modificar suas definições. Atualmente a noção psiquiátrica de “disforia de gênero” é proposta nos seguintes termos: “sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa” (DSM-5, 2014, p. 451). Notemos como a última versão do DSM (2014) descreve a disforia como um sofrimento advindo da diferença entre gêneros e não mais como um sofrimento advindo de uma relação entre o gênero, ou seja, a vivência social, e o sexo genital. O termo gênero, nesse contexto, ressalta a historicidade e os processos sociais que configuram as ordens de sexo/gênero, assim, se afastando de uma lógica discursiva que pressupõe o desacordo ou a incongruência entre a mente e o corpo.

Quando refletimos sobre as experiências transexuais de Nery como uma luta social por reconhecimento, adentramos uma camada textual autobiográfica que revela sistemas e lógicas de sexo/gênero que não previstas nos discursos médicos hegemônicos. Em seus dois livros, Nery relatou a si mesmo como masculino antes de qualquer nomeação transexual em sua vida. Encontramos tais marcações em frases como: “éramos quatro, sendo eu o terceiro e único filho” (NERY, 1984, p. 21), o que revela um autorreconhecimento que reescreve a própria história das nomeações compulsoriamente femininas pelas quais o autor teve que passar.

Em outro trecho sobre a infância, Nery diz que, ao ser chamado de “menina” pelos adultos, corrigia mentalmente para “menino” (cf. NERY, 1984, p. 25). A autoidentificação masculina é apresentada com bastante firmeza ao longo de todo o livro. O conflito surgia, segundo o autor, na medida em que o reconhecimento de sua masculinidade não acontecia pelas pessoas à sua volta. Saber-se homem, mas não ser reconhecido pelos outros como tal, pode ser lido na seguinte frase: “esta absurda defasagem entre a minha auto-imagem e a imagem que as pessoas faziam de mim” (NERY, 1984, p. 29). Assim, as relações sociais podem ser compreendidas como produtoras da somatização do sofrimento, tal qual lemos em Bourdieu (2014).

Ao relatar a si mesmo como masculino desde a infância, Nery abala as expectativas da ordem de sexo/gênero dominante, o que inclui as narrativas médico patológicas sobre transexualidade. Na

medida em que Nery se automeia como masculino, ele ressignifica também a linguagem e as lógicas dos discursos biológicos hegemônicos. Exemplo disso encontramos em frases de percepções de si na infância como: “quando ela tocou no meu pênis mirim” (NERY, 1984, p. 75), e em: “sabia que não possuía um pinto tão grande como o dos outros meninos da minha idade” (NERY, 1984, p. 25). Com isso, notamos o reconhecimento e a nomeação do próprio genital a contrapelo da lógica hegemônica que, por sua vez, o definiu como feminino ao nascer. Essa mudança de linguagem, que pode parecer um mero efeito retórico para as percepções normativas hegemônicas, revela um outro *habitus* (cf. BOURDIEU, 2014), uma outra lógica ou ordem de sexo/gênero experienciada pelo autor.

Defendemos que tanto em *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984), um livro escrito em certa consonância com os discursos médico da época, quanto em *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011), em que Nery já assume uma posição crítica em relação a tais discursos patológicos, as narrativas expressam diferenças na gramática normativa da transexualidade (ARÁN, 2006). Essas diferenças em relação às lógicas hegemônicas de sexo/gênero ressignificam a língua normativa e indicam naturezas culturais que permanecem invisíveis e ininteligíveis às ordens ocidentais. Com isso, queremos dizer que mesmo que Nery utilize o termo “transexual”, “pênis” e “menino”, a linguagem do autor guarda certa obscuridade que “pode apontar o caminho para uma nova imagem de pensamento” (SODRÉ, 2017, p. 64), para uma outra perspectiva de vida.

Nesse sentido, sugerimos que as expressões de sexo/gênero de Nery não são completamente inteligíveis para os ordens de dominação, pois reformulam tanto os estereótipos transexuais normativos quanto os estereótipos de uma masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHIMDT, 2013) concebida como um ideal inatingível, porém obrigatoriamente almejável.

No texto de Nery, encontramos um exemplo de modelo de masculinidade que o ajudou a dar vazão às suas expressões na infância. Nery narra que havia criado um *alter ego* chamado Miguel, que vivenciava em brincadeiras secretas com sua irmã (cf. NERY, 1984, p. 29), e que se baseava no empregado de sua família que morava na garagem em troca de pequenos serviços e consertos. O espelhamento ocorre, dessa maneira, a partir de um deslocamento de classe social. O autor é afetado pela masculinidade de um trabalhador que vivia em um quarto improvisado, com poucas roupas usadas, vindas do pai de Nery, e objetos pessoais (cf. NERY, 1984, p. 30). Essa masculinidade parecia mais próxima à percepção de Nery do que a masculinidade de seu pai. Talvez haja nesse espelhamento um entrecruzamento de expressões subalternizadas pela cultura hegemônica, a saber, da condição de classe do trabalhador, e da condição de sexo/gênero de Nery.

Em uma tentativa de “encarnar” (NERY, 1984, p. 31) a figura de seu Jorge/seu Sebastião<sup>3</sup> na infância, Nery relata ter imitado os rituais do homem em seus costumes de ouvir rádio deitado na cama, fazer a barba e pentear o cabelo. Ao final dos atos, o autor concluiu: “mas não adiantava... Eu não conseguia sentir, fazendo, o mesmo que sentia vendo-o fazer” (NERY, 1984, p. 31). Isto é, a reprodução de certos modelos, nomeados culturalmente como masculinos, pareciam mais “adequados” aos hábitos do trabalhador do que aos de Nery. A interdição do deleite aparece, assim, como uma ordem de sexo/gênero hegemônica sobre as memórias somáticas do autor.

---

<sup>3</sup> O trabalhador é chamado de “seu Jorge” em *Erro de pessoa: Joana ou João?* (1984) e de “seu Sebastião” em *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011). A diferença de nomes se dá com quase todos os personagens/pessoas do livro por razão do primeiro livro ter sido escrito durante a ditadura militar brasileira, em que as cirurgias de transgenitalização relatadas eram tidas como crimes no país. Por isso, Nery modifica nomes, inclusive o seu próprio – João W. Nery era um pseudônimo na época de seu primeiro livro - para preservar sua identificação e sua localização.

É fundamental considerar que as expressões de sexo/gênero de Nery ampliam as noções estabelecidas para as experiências transexuais e masculinas hegemônicas. O reconhecimento e a nomeação de suas masculinidades, mesmo antes de qualquer intervenção cirúrgica, indicam que há uma familiaridade e um pertencimento ao próprio corpo frequentemente negado e interdito pelos discursos dominantes. Nesse sentido, Nery reformula certos estereótipos de sexo/gênero e aponta para a existência de outras ordens, culturas e naturezas que permanecem como ininteligíveis às lógicas normativas hegemônicas.

Assim, nos contentaremos com este breve e inicial levantamento de reformulações de estereótipos, a partir da obra de Nery, reconhecendo e reafirmando que suas expressões não se reduzem aos moldes e expectativas hegemônicas, seja da transexualidade ou da masculinidade. Em vez disso, suas existências resistem e traduzem as ordens culturais dominantes imprimindo sobre elas marcas de suas diferenças, a despeito das subalternizações sistemáticas pelas quais passam.

## REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Revista Ágora** (Rio de Janeiro), v. IX, n. 1, jan/jun, 2006, pp. 49-63.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHIMDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013, pp. 241-282.
- DSM – 5. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Ed. 34, 2003.
- MOSSE, George. **La imagen del hombre: la creación de la masculinidad moderna.** L. Madrid: Talasa, 2000.
- NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NERY, João W. **Erro de pessoa: Joana ou João?** Rio de Janeiro: Record, 1984.
- NERY, João W. **Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois.** São Paulo, Leya, 2011.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

### Acervos jornalísticos mencionados

- BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/>>. Acesso em: 11 ago.2019.
- ESTADÃO. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.